

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular Class.: 08
 Data: 02/12/90 Pg.: _____

Em defesa dos índios Tapuya

Marlene Castro Ossami

Um barril de pólvora, prestes a explodir. Assim pode ser definida a Colônia Indígena Carretão, dos índios Tapuya, na confluência dos municípios de Nova América, Rubiataba e Goiás. O estopim dessa explosão vai encurtando



MARLENE CASTRO OSSAMI é Pesquisadora do IGPA-UCG

junto com a paciência dos Tapuya, que já não agüentam mais os atritos provocados pelas famílias de ocupantes não indígenas, que até agora não foram retirados da área de 1.743 hectares do Carretão.

Passei dez dias do mês de novembro no Carretão e arredores, coletando informações para a pesquisa que o IGPA-UCG vem fazendo sobre os Tapuya, desde 1987. Pode constatar, pessoalmente, a tensão existente na área, que, em janeiro último, foi classifica-

da, em decreto presidencial, como Colônia Indígena, mas de onde a Funai não retirou, até hoje, os sete fazendeiros que, à revelia do Art. 231 da Constituição Federal, continuam ilegalmente ocupando as terras dos Tapuya. Alguns deles têm filhos que, casando-se, continuam na área, aumentando os problemas, como é o caso de João Tomé da Cunha (João Juquinha), cujo filho, João Evangelista, já fez muitas ameaças ao Tapuya Adão Martins, tendo inclusive ferido um animal de montaria deste índio. Outro fazendeiro, João Correia do Prado, tem causado, com suas criações, prejuízos ao cacique Tapuya José Borges, que também está sem paciência diante das provocações que lhe são dirigidas.

A Reserva do Carretão foi criada pelo governador Coimbra Bueno, que com a Lei 188, de 19-11-1948, delimitou duas glebas, com um total de 1.528 hectares. Tendo-se desenvolvido um processo lento, mas contínuo, de invasão da área indígena por fazendeiros da região, os Tapuya, em 1979, mobilizaram-se para reivindicar a pro-

teção da Funai. A partir de 1980, a Funai começa a tomar providências para uma segunda delimitação, que acabou se concretizando em 1984, com a inclusão de mais uma pequena área, embora tenha ficado de fora o cemitério indígena da Lajinha, reivindicado pelos Tapuya.

Com a melhor parte de suas terras ocupadas pelos fazendeiros, os Tapuya encontram-se em situação de grande pobreza, precisando, para sobreviverem, empregar-se sazonalmente em fazendas da região, tornando-se proletários rurais. É indispensável que se faça um trabalho integral de assistência técnica e apoio à produção, mas o primeiro passo é a retirada dos fazendeiros invasores. Os esforços integrados da Funai, da Diocese de Rubiataba e da Universidade Católica de Goiás podem apontar no sentido de projetos de incentivos à produção agrícola. Cabe à Funai realizar a desocupação da área, gestionando, se possível, junto a outros órgãos federais, para o reassentamento, fora da reserva indígena, dos invasores.